

## MARCADORES CONVERSACIONAIS: ELEMENTOS INDISPENSÁVEIS PARA O ENSINO DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

Francisco Leilson da Silva(IFRN)  
psileilson@hotmail.com

A pesquisa em questão tem como cerne a utilização da teoria da Análise da Conversação (AC) em aulas de Espanhol como Língua Estrangeira. Assim, aborda um dos três níveis da conversação, segundo Hilgert (1989), o nível médio, sendo analisados os marcadores conversacionais. O *corpus* analisado foi construído a partir de uma avaliação oral de Língua Espanhola no curso Técnico Integrado de Turismo do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN). Nessa perspectiva, o estudo trata do uso da conversação na aula de espanhol, indicando as funções que os marcadores conversacionais exercem durante a organização do discurso oral do aluno, ou seja, responder ao professor e interagir com outros alunos através da oralidade. Dessa forma, os marcadores conversacionais que ocorreram no processo da organização da fala no *corpus* em análise, tais como: hesitação, participação ou busca de apoio, elementos que poderiam não ser levado em consideração, ganham papel de fundamental importância para entender e acompanhar o processo de aprendizagem, por conseguinte, o ensino do E/LE. Recorremos a Marcuschi (1997, 2002), Pereira (2008) e Koch (2006) para fundamentar a importância da AC nesse processo de ensino de língua estrangeira. Com a análise dos dados, percebeu-se a importância do conhecimento da referida teoria para aperfeiçoar o E/LE, logo o professor deve ter a capacidade de ouvir, interpretar e utilizar-se do aparato teórico da AC para aproximar o aluno de situações reais de uso da língua espanhola.

**PALAVRAS-CHAVE:** Espanhol, Análise da Conversação, Discurso, Marcadores, Ensino-Aprendizagem.

### Introdução

Nesta pesquisa, propõe-se ao entendimento da transcrição de uma aula de língua espanhola, considerando o arcabouço teórico da Análise da Conversação, detendo-nos ao nível da estrutura conversacional denominado por Hilgert (1989) de macro nível. A partir dessa análise, entendemos que os marcadores conversacionais podem ser utilizados dessa teoria como recurso linguístico para o ensino de língua espanhola.

O artigo apresenta uma visão acerca da aplicabilidade dos conceitos da teoria da Análise da Conversação no processo ensino-aprendizagem de Espanhol como língua estrangeira.

Com relação ao *corpus* em estudo, trata-se de uma aula de “Espanhol básico”, disciplina obrigatória componente da estrutura curricular do último ano do Curso Técnico de Nível Médio Integrado em Turismo e, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). A classe continha 31 alunos, sendo 25 do sexo feminino e 6 do sexo masculino. Os participantes possuíam entre 17 e 20 anos de idade, e o professor, 22 anos de idade. É importante frisar que os nomes de todos os participantes da gravação foram trocados por nomes de artistas famosos do mundo hispânico, a fim de preservar as suas identidades. No que se referente às contribuições teóricas, pautamo-nos em Marcuschi (1998), Schifffrin (1994), Hilgert (1989) e Pereira (2002).

Primeiramente, aborda-se o Ensino de Espanhol, após alguns os conceitos da Análise da Conversação, em seguida, o nível médio, por fim, apresenta-se a análise do corpus e as considerações finais.

## 1- Ensino de Espanhol como Língua Estrangeira

O ensino de língua estrangeira, especialmente do E/LE, torna-se importante conhecer como aborda a Lei de Diretrizes e Base - nº 9394/96 (LDB), assim, organizando a disciplina nas modalidades de Ensino Básico. No tocante ao Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), a lei em questão reza que todas as escolas todas as escolas deve ter obrigatoriamente o ensino uma língua (moderna), que pode ser escolhida segunda as necessidades da escola, assim, o artigo 26, § 5º dispõe que:

Na parte diversificada do currículo será incluído, obrigatoriamente, a partir da quinta série, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição.

No Ensino Médio o estudo da língua estrangeira trata no art. 36, inciso III da seguinte forma:

Será incluída uma língua estrangeira moderna, como disciplina obrigatória, escolhida pela comunidade escolar, e uma segunda, em caráter optativo, dentro das disponibilidades da instituição.

Ao abordar essas obrigações, a necessidade do estudo da língua estrangeira/segunda língua perpassa pela questão socioeconômico, pois esses vínculos econômicos determinam as línguas a serem estudadas, sendo o inglês a língua praticamente universal, entretanto, pelo contexto geográfica e a questão supracitada, aponta para o estreitamento das relações comerciais do Brasil com os países da América Hispano-hablantes.

Dessa forma, o estudo da língua espanhola emerge como resposta para facilitar e estabelecer a interação entre empresas, países do América do Sul, Espanha, também estabelecendo o contato entre pessoas através da internet, assim, por todos esses motivos supracitados, a aprendizagem do espanhol no contexto brasileiro se torna imprescindível, corroborando com esse posicionamento, a afirmação de Fernández (1990), quando diz que “as relações econômicas com os países hispano-americanos e outras razões políticas e culturais despertaram o interesse pelo idioma espanhol”, assim, aponta que a organização política e social conduz os rumos da educação.

Com essa nova ordem das relações entre Brasil e os países que constituem a América do Sul, surgiu à demanda da formação de professores de espanhol que atendessem essa necessidade com a perspectiva de resposta, por isso o docente precisa ter uma formação que o deixe apto para corresponder às exigências do mercado e com uma formação na área adequada na área de linguística, de maneira particular, na Análise da Conversação.

Como resultado desse novo cenário comercial, foi sancionada a Lei Nº 11.161/05 estabelecendo a oferta do E/LE como obrigatória para o Ensino Médio, assim, exigindo um período de adaptação de cinco anos para a oferta e para a viabilização dos cursos de formação de professores com a finalidade de atender esse

espaço de trabalho que se abriu com a inserção de mais uma matéria no currículo da referida modalidade de ensino, que expressa no caput de seu artigo 1º que “o ensino da língua espanhola, de oferta obrigatória pela escola e de matrícula facultativa para o aluno, será implantado, gradativamente, nos currículos plenos do Ensino Médio.”

Diante desse fato, uma questão se coloca de forma significativa com relação a formação desses profissionais de língua espanhola não somente ensinar, também promover o acesso a uso da língua de forma competente e a oralidade se torna um meio eficaz desse exercício.

## 1. ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO

Segundo Marcuschi (2003), são muitas as razões para o estudo da conversação, está o fato de que a conversação é a prática mais utilizada pelo homem em seu cotidiano, assim, através desta análise, pode-se perceber a organização dos sujeitos sociais e os papéis desempenhados na sociedade pelos falas de suas interlocuções

De acordo com Pereira (2005), os estudos da conversação foram inicialmente influenciados pela Antropologia Cognitiva e pela Etnometodologia. Na linha de pesquisa dessas ciências, como resulta das influências dessas áreas, logo emerge a Análise da Conversação (AC), que é uma ramificação da linguística que estuda, entre outros fenômenos, os processos cooperativos da atividade das conversas espontâneas e tem como objetivo entender e interpretar o que ocorre quando as pessoas interagem através de suas conversas, como uso da língua de uma comunidade ou objetivos comuns, como aprendizagem de outro idioma,

A AC é uma abordagem de característica empírica e se utiliza da metodologia indutiva. Os pesquisadores que trabalham com essa corrente preferem trabalhar com um *corpus* abrangente, para evitar que suas conclusões se restrinjam a delimitados casos, levando em consideração que assume uma perspectiva interpretativa.

É indispensável que o analista da conversação seja fiel ao *corpus* coletado, dessa maneira, quanto mais fiel for o analista, maior representatividade da realidade terá em sua análise e maiores contribuições trarão os resultados de sua pesquisa.

Segundo Schiffrin (1994), através da AC, podemos fazer as mais variadas inferências que sobre seus interlocutores, bem como compreender uma realidade social, suas idade, sexo e suas formas de produção da oralidade.

## 2. NÍVEL MÉDIO

Segundo Hilgert (1989), o nível médio é o nível conversacional que tem como cerne de seu estudo os acontecimentos referentes à organização do momento da fala dos interlocutores, tais como: o turno conversacional, a tomada de turnos, a sequência conversacional, os atos de fala e os marcadores conversacionais, assim, torna-se imprescindível conhecer um pouco a respeito dessas partes.

Marcuschi (2003) define o turno conversacional como o período em que o interlocutor é detentor da fala, entretanto, o silêncio está incluído na relação de interação entre aqueles que estabelecem a conversação.

Em relação à tomada de turnos, são estabelecidos alguns elementos a serem observados, no concernente a questões de como o falante se utiliza dos turnos e o processo de interação entre eles. Segundo Sacks, Schegloff e Jefferson (1974) a constituição da organização dos turnos no nível estudado estabelece as seguintes ações: os falantes trocam os turnos; fala um de cada vez; são vários falantes, eles se sobrepõem (de forma extensa, breve); existem intervalos entre os turnos (longas pausas); todos os falantes que participam da conversação produzem turnos, há utilização de recursos para atribuir turnos; os turnos são constituídos por unidade como: lexema, sintagma, sentença, entre outros; alguns mecanismos de reparação são utilizados quando falhas ou transgressão referente à organização dos turnos.

Ao tratar da extensão do momento da fala do interlocutor, os autores apontam que o turno não tem extensão fixa, nem pode ser especificado pelo ouvinte de forma prévia, como também não ocorre a predeterminação do que será dito por aquele que é detentor da fala, exatamente por causa dessa não previsibilidade poderá ocorrer à continuidade e a descontinuidade do assunto que motiva a conversação (o chamado super-tópico). Mediante, as características expostas, fica evidente que o turno é uma operação primordial para conversação, sendo um dos elementos essenciais da referida teoria em estudo.

Ao tratar da relação falante/turno, alguns fenômenos podem fazer parte da conversação, um deles, que ocorre comumente, é o falante que toma o turno e não permite que o outro interaja. Mesmo o momento da fala não tendo tamanho fixo, isso poderá gerar em um desgaste, tanto para quem produz o turno, como para quem escuta, chegando à exclusão desse interlocutor. A perda do foco da conversação é outro ponto que também poderá culminar em desinteresse por parte do ouvinte, logo provocando um encerramento da conversação ou mudança assunto do assunto tratado.

Marcuschi (1986) postula que a conversação se estabelece numa série de turnos que se alternam e são tecidos com o intuito de cooperar em função do tópico. Para que efetivamente isso ocorra, existem determinados mecanismos de reparação que promovem a resolução de inadequações conversacionais, para que não resulte em uma parada prematura de um falante (um falante inicia o turno simultaneamente a fala do outro, em seguida desistindo em favor daquele que detinha o turno).

Nesse contexto, a compreensão tem papel fundamental, tornando-se elemento definitivo no processo interativo, sendo constituída pelas chamadas marcas de atenção que constituem os marcadores conversacionais, tais como: *recursos* prosódicos (silabação, entonação, alongamento de vogais, dentre outros), *sinais* paralingüísticos (risos, gestos, dentre outros). Além disso, os *marcadores metalingüísticos* podem ser expresso por termos que servem para reiteração do turno ou chamar atenção para o tópico com expressões do tipo “agora sou eu”, “é minha vez”, “atenção”.

Para Marcuschi (1986), a conversação normalmente é caracterizada por uma série de turnos que tem uma sequência configurada pela alternância e cooperação. O referido autor também afirma que essa sequência é uma unidade maior e pode se organizar em pares adjacentes. As características desses pares são descritas como dois turnos, que têm a função de organizar a conversação, concorrem no processo de alternância de turno, logo podem ser tomados como esses pares: uma pergunta e a resposta ou uma ordem e a execução.

Entendendo que a aula expositiva é uma conversação, sendo assim os pontos anteriormente citados em um corpus coletado em uma E/LE com intuito de maximizar o uso da oralidade para que os alunos aprendam e promovam uma melhor atuação do docente, com o seguinte entendimento dos marcadores conversacionais:

(...) ajudam a construir e a dar coesão e coerência ao texto falado, especialmente dentro do enfoque conversacional. Nesse sentido funcionam como articuladores não só das unidades cognitivo-informativas do texto como também dos seus interlocutores, revelando e marcando, de uma forma ou de outra, as condições de produção do texto, naquilo que ela, a produção, representa de interacional e pragmático (URBANO, 2003, p. 93)

Os marcadores conversacionais poderão ser utilizados como um meio de entendimento e percepção dos níveis, pois as repetições de sons que não são característicos da língua em estudo podem indicar um nível de aprendizagem que não alcançou o esperado para aquele contexto de formação.

## ANÁLISE DO CORPUS

Como foi exposto, o nível médio estuda o turno conversacional, a tomada de turnos, a sequência, os atos de fala e os marcadores conversacionais. Os turnos conversacionais do *corpus* em análise se apresentam através de uma alternância da fala do professor e da fala dos alunos. Devido à condução da aula ser feita pelo professor, é ele que tem o poder de deixar ou não alguém falar e em que momento isso acontecerá, sendo demarcado pelo marcador conversacional. Vejamos neste exemplo:

PR – quem tava na sala pode ouvir isso, né? — risos — **ãah...**

[...]

A6 – **ãh?**

PR – ( )

A7 – é a formatura professor...

PR – é? (**ouxi**) e porque não pode ser sexta?

PR – **ã::h...** ¿qué vamos hacer hoy!? ¿Cómo será esa parte oral de la actividad?...¿ã::h! Será como una clase normal... ¿vale?...no necesitan preocuparse además de hablar español (habrán) que preocuparse mismo hablar español, ¿vale?...lo demás, simplemente lo demás... Entonces... ¿cómo:: va a ser? Voy hacer una actividad con ustedes, en la cual tenemos que hablar con/ sobre ella... ¿se acuerdan una vez que trabaje con ustedes con un tema llamado amor...y que todos participaron? Es más o menos eso... hoy yo traje un texto...¿vale?... donde vamos a tratar de los celos y las mentiras, que es que todos podemos hablar (sin necesitar mucha abertura), ¿vale?... En seguida vamos hablar un poco sobre los valores... que nos seres humanos tenemos, o:: los que no tenemos... ¿vale? ... — cai alguma coisa — pero sin caer... el grabador, ¿no?... Entonces veamos... distribuye eso, por favor...

Os autores deste artigo estavam presentes no momento da gravação da aula analisada, dessa maneira, pode-se afirmar que o professor, quando percebeu que não havia voluntários para a leitura, escolheu um aluno e agradeceu ironicamente sua participação na aula quando usou o marcador para saber alguém já poderia ler. Fato que demonstra o poder do professor em relação à participação dos alunos durante a aula.

**PR - ¡Vale! ¡Ya!** ¿y qué pasó después? ( ) que se casaron, ¿no?, y ahora ( ) la vida de casado... ¡Vale! Y ahí gente, ¿qué le recomendarías a Desesperado se fuera la señorita Francis? La señorita Francis es la persona/ la ( ) de/ de la radio que da:: las conferencias para las personas que le escriben...

Quando o professor percebe que a turma está se dispersando em outros assuntos que não agregam informação ao conteúdo da aula, ele se utiliza da estratégia de tomada de turno, uma tentativa de retomar o controle da atenção dos alunos para que o objetivo da aula

seja cumprido. No trecho acima, a dispersão foi contornada no momento em que o professor seguiu com a atividade.

Essa orientação do curso da aula é realizada muitas vezes através do par adjacente (pergunta/ resposta), com os quais o professor pede a interação do grupo na conversação, logo de marcadores utilizados anteriormente para introduzir essa reorganização do discurso e revelando uma característica de um público jovem pelo uso da variação “ uma gíria” do marcador conversacional. Como representado no seguinte trecho:

PR – ¿( ) tiene celos?

T - ¡Sí!

PR - ¿Muchos o pocos?

T – ¡Muchos!

PR - **¡Sí! Entonces veamos... vamos a ver eso::** de/ de modo:: de lec/ lectura, ¿va/ vale?, de/ de modo:::.... oral. ¿quién puede leer esa primera pregunta?... Shakira.

((risos))

A12 – ¿Eres celoso, celosa? Haz este test y comprUEba que es/ que es verDAD que dices/ lo que dices. Explica tu respos/ puestas a tus compañeros de la siguiente fuer/ forma.

PR - ¡Vale! Lee la primera.

**A12 – ¡ã::in!**

Ainda de acordo com Hilgert (1989), um dos elementos analisados dentro do nível médio é a sequência conversacional, que se detém a análise da relação de ordem, continuação numa conversação:

A11 – te molesta que te hable de su pasado amoroso... prefiero no saber, me hace daño... no, todos tenemos un pasado... no me importa siempre que no se pase el día hablando de sus ex...

PR - **¡Vale! Enton/** Cuando **vamo/** cuando hablan del pasado/ del pasado amoroso, ¿qué les pasa? ¿Prefieren no saber de eso? ¿Sí? ¿Por qué ( )?

A15 – prefiro não saber...

PR - ¿Por qué prefiere no saber?

A27 – ah, no sé...

PR - ¿Por qué prefiere no saber?

A5 – no sé...

PR - ¿tú sabes?

A8 – no hago preguntas...

PR – ¿( ) preguntas? Porque imaginen, ustedes no saben porque no preguntan, ahí si un día ustedes van a una fiesta, y pasa una persona y empieza a hablar con él, ahí cuando sale ustedes preguntas “¿quién es?”, ahí él diga “¡Ah! Es mi amiga.”, “¿de dónde?”, ahí dice que fue su novia un día, ahí tú dices “¿porqué no me dijiste?” ((risos)), ¿no? Pero tú que no querías saber, ¿no?... ((pausa)) ((chegam mais dois alunos)) ¿tienes ya el papel?

Pode-se dizer que pesquisa como se dá a organização do processo conversacional, como mostra o exemplo e os marcadores conversacionais exercem diferentes funções, tais como: introdução de uma nova ideia, retomada, organização do discurso a ser proferido.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta pesquisa, foi possível constatar que o conhecimento da Análise da Conversação (AC) pode ser utilizado como ferramenta útil para o ensino, melhorando tanto a prática docente, como a vivência do estudante da referida língua estrangeira. À medida que a conversação é enxergada como processo intrínseco e incluído na organização da aula, os conceitos da AC tornam-se preponderantes para um melhor funcionamento da aprendizagem e do ensino de E/LE.

A AC pode ser utilizada como um ponto de reflexão sobre o processo da linguagem. Assim, são elementos (o turno conversacional, a tomada de turnos, a sequência conversacional, os atos de fala e os marcadores conversacionais) que estão presentes em vários momentos da aula de idiomas, então, teoricamente fundamentados, podemos utilizá-la como uma fonte profícua para ensinar e aprender espanhol.

Começar a refletir sobre a oralidade no contexto da aula expositiva proporciona uma gama de realidades que perpassam o processo de interação entre professores e alunos, assim, a organização do ensino de E/LE ganha uma configuração em que todos têm seu papel e são importantes para a aprendizagem.

Os interlocutores dessa aprendizagem estabelecem relações idealizadas da relação do aluno com a língua estudada. Assim, geralmente se afirma que muitas vezes não falar em certa velocidade e/ou refazer o turno várias vezes revela uma ausência de domínio da língua estudada, logo estão imbricadas as suas concepções de um estereótipo de quem sabe e fala bem o espanhol. Dessa forma, a AC tem a função de apontar que todos esses elementos fazem parte da fala e deverão ser revertidos em um meio de entender aquele que aprende uma nova língua, ou seja, faz parte do processo do processo de aprendizagem. Então, o turno a sequência conversacional, as marcas conversacionais e os atos de fala são úteis no processo de aprendizagem do espanhol.

Nessa organização demarcada pelo ritmo individual de aprendizagem, o professor passa a ouvir e entender aquele que aprende, desde sua demora em responder uma pergunta na

língua estrangeira, até seus gestos que tentam completar a ausência de outros fatores que contribuem para a dificuldade.

Nesse contexto, a AC perpassa todas as esferas que constituem o sujeito, pois tenta promover oportunidade para aquele que é tímido ao falar, ajuda o aluno que se expressa mais a ouvir e compreender o outro, bem como promove a ascensão de todos de coadjuvantes a atores principais na aula de espanhol.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais Língua Estrangeira**. Brasília: MEC, 1998.

COULTHARD, Malcolm. **Na introduction to discourse analysis**. Harlow, Essex, Longman, 1977.

DIAS, Reinildes. **Língua estrangeira: ensino fundamental e médio**. Proposta curricular. Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, 2008, pág. 29-30.

FERNÁNDEZ, Gretel eres. Entre enfoques y métodos: algunas relaciones (in)coherentes en la enseñanza de español lengua extranjera. **Espanhol: ensino médio** / Coordenação, Cristiano Silva de Barros e Elzimar Goettenauer de Marins Costa. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o Ensino; v. 16), p.80.

HILGERT, J. G. **A paráfrase: um procedimento de constituição do diálogo**. Tese de doutorado. SP: PUC, 1989.

MARCUSCHI, Luiz A. Atividades de compreensão na interação verbal. In: PRETI, Dino (org.). **Estudos de língua falada: variações e confrontos**. São Paulo: Humanitas, 1998.

OSTERMANN, Ana Cristina. **A ordem interacional: A organização do fechamento de interações Entre profissionais e clientes em instituições de Combate à violência contra a mulher**. 2002. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4222/3817>. Acesso: 26/06/2011.

PEREIRA, Francisca Elisa de Lima. **O discurso oral do professor em seus aspectos organizacionais**. 2002. Tese (Doutorado em Lingüística) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2002.

SCHIFFRIN, D. **Approach to discourse**. Cambridge, Blackwel, 1994.

SILVA, Leosmar Aparecido da. **Relações entre a teoria dos atos de fala e quadrinhos humorísticos**. Disponível em:

<http://www.nee.ueg.br/seer/index.php/temporisacao/article/view/20/29>

Acesso em: 22/08/2011



URBANO, Hudinilson. Marcadores conversacionais. In: PRETI, Dino (Org.). Análise de textos orais. 6. ed. São Paulo: Humanitas; FFLCH/USP, 2003. p. 93-116.